


A PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ESTUDOS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS DE VIDA DE PESCADORES ARTESANAIS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-178>

Data de submissão: 12/04/2025

Data de publicação: 12/05/2025

Graziela Breitenbauch de Moura

Mestrado Profissional em Gestão de Política Pública
Universidade do Vale do Itajaí – Univali – Itajaí – Santa Catarina - Brazil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1475-7659>

Vanderléa Ana Meller

Mestrado Profissional em Gestão de Política Pública
Universidade do Vale do Itajaí – Univali – Itajaí – Santa Catarina - Brazil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5342-2659>

Ronaldo Camargo Souza

Mestrado Profissional em Gestão de Política Pública
Universidade do Vale do Itajaí – Univali – Itajaí – Santa Catarina - Brazil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6759-8527>

RESUMO

As políticas públicas visam garantir direitos à população por meio de programas e ações governamentais. No setor da pesca artesanal, essas políticas não se limitam a impactos econômicos, mas geram trocas sociais que influenciam a cultura local. Este estudo apresenta um panorama das produções intelectuais sobre as experiências e memórias da pesca artesanal, destacando o pescador tradicional como intermediário entre o patrimônio cultural e a educação social. A pesquisa, de abordagem qualitativa e paradigma interpretativista, realiza uma revisão bibliográfica de estudos científicos realizados entre 2012 e 2022. São analisados 17 artigos com o uso do software ATLAS.ti. O estudo revela categorias como: conhecimento, desastres, empregabilidade, experiências, gestão de recursos, gestão econômica, pescadores, políticas públicas, poluição, práticas da pesca, práticas ilegais, regulações, segurança alimentar e sustentabilidade, evidenciando a importância das políticas públicas no fortalecimento econômico dos pescadores e na preservação de suas práticas culturais e ambientais.

Palavras-chave: Pesca artesanal. Pescadores. Memórias. Experiências e políticas públicas.

1 INTRODUÇÃO

As políticas públicas se manifestam pelo conjunto de programas e ações desenvolvidas pelos órgãos governamentais a fim de garantir direitos à população. Essas medidas no setor da pesca artesanal não se limitam somente a gerar efeitos econômicos. Há trocas sociais que afetam as características culturais de um território. A arte da pesca está vinculada ao tempo, ao espaço e aos rituais que ordenam a forma de vida de um pescador com o seu meio.

Preservar e identificar manifestações culturais e bens de interesse do patrimônio imaterial e material (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, 2025), com o objetivo de documentar e valorizar os pescadores artesanais e a pesca, por meio dos detentores do saber, constitui um modelo que promove a preservação patrimonial de um contexto territorial.

A pesca artesanal, conhecida como de pequena escala, está inserida em comunidades, contribuindo para a diminuição da pobreza, a erradicação da fome e o desenvolvimento do trabalho e do emprego. Em cidades litorâneas, a localização das comunidades pesqueiras artesanais sobrevive de acordo com as tradições familiares e as adaptações às circunstâncias das legislações dos governos.

O setor da pesca artesanal representa cerca de metade do esforço pesqueiro global, o que torna essencial a implementação de políticas públicas voltadas para a preservação das tradições passadas por gerações familiares, o estímulo ao empreendedorismo familiar e cooperativo, e o uso sustentável dos recursos naturais. É necessário proporcionar incentivos para agregar valor aos produtos pesqueiros, por meio de capacitações e treinamentos que permitam aos pescadores artesanais adquirir novas competências, adaptando-se às transformações do ambiente dinâmico (Rousseau et al, 2019). Além disso, é crucial a criação de uma base de dados robusta com informações detalhadas, que sirvam como ferramenta para pesquisadores da área no desenvolvimento de estudos e na previsão de demandas do setor. O acesso a recursos financeiros e de capital também pode ser um fator determinante para aprimorar as operações e a gestão dos negócios pesqueiros artesanais (Chakour, 2008).

A Agenda 2030, no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nº 14 – Vida na Água, destaca, como uma das metas, proporcionar o acesso dos pescadores artesanais de pequena escala aos recursos marinhos e aos mercados (Food and Agriculture Organization of the United Nations - FAO, 2022; Agenda 2030, 2021). Essa meta representa a primeira política negociada globalmente especificamente para a pesca artesanal, como um processo inclusivo e participativo. Embora o setor tenha buscado, ao longo dos anos, novas diretrizes para melhores práticas globais, conseguiu estabelecer uma agenda permanente sobre a pesca artesanal na Comissão de Pesca (COFI) (Smith & Basurto, 2019).

O Ano Internacional da Pesca Artesanal e da Aquicultura de 2022 foi declarado pela Assembleia Geral das Nações Unidas com o objetivo de aumentar a conscientização global e a compreensão sobre as pescas artesanais de pequena escala e a aquicultura; promover ações para apoiar sua contribuição para o desenvolvimento sustentável; e fomentar o diálogo e a colaboração entre os diversos atores e parceiros, envolvendo partes interessadas públicas e privadas para enfrentar desafios e oportunidades para que as pescas e a aquicultura de pequena escala contribuam para a realização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (Fao, 2022).

Além do destaque econômico e legal da pesca artesanal, a questão cultural é de suma importância. Conhecer as tradições das famílias pesqueiras, dos pescadores e suas práticas, como o melhor local para a pesca, é uma forma de resgatar características de um contexto que merece ser preservado. Essas características estão intrínsecas ao próprio pescador, como um indivíduo que possui suas habilidades, competências e conhecimentos práticos, e precisam ser lembradas e resgatadas como uma memória cultural, que reflete o sentimento do trabalho como arte e liberdade (Ramalho, 2008). O conhecimento tradicional está vinculado ao conjunto de informações acumuladas pelas comunidades tradicionais, adquiridas por meio de sua vivência com a natureza, pela observação e experimentação de processos e seus resultados. Esses conhecimentos surgem da necessidade de adaptação ao ambiente em que vivem, dos saberes transmitidos pelos antepassados e da troca de saberes com outros povos e comunidades (IPHAN, 2025).

Compreender a atuação de trabalho, o motivo da escolha da profissão e as aspirações futuras de um pescador é entender sua vida, os avanços no setor e seu ambiente sob diversos aspectos: como os pescadores iniciaram suas atividades, quais razões e valores representam para eles e o trabalho com a pesca (Trimble & Johnson, 2013). O conhecimento sobre os ventos, as marés, a lua, entre outras influências, é um saber do pescador que precisa ser evidenciado tanto na pesquisa quanto na disseminação de estudos sobre essa profissão (Nascimento et al., 2018).

O passado torna-se um elo fundamental para entender e compreender as possíveis determinações do cotidiano dos pescadores artesanais. Os relatos dos pescadores são peças-chave de um quebra-cabeça, e o resgate da cultura de trabalho destaca as suas especificidades na ação produtiva da pesca (Ramalho, 2008). O saber-fazer integra a cultura do trabalho, que, muitas vezes, foi perpetuada pelas heranças simbólicas. Assim, este artigo apresenta a seguinte pergunta norteadora: Como as experiências de vida de pescadores artesanais em comunidades podem resgatar memórias de uma arte? Este estudo oferece um panorama da produção intelectual sobre as experiências e memórias dos pescadores artesanais. Para isso, aborda o pescador tradicional como transmissor ou intermediador

entre o patrimônio cultural e a educação social, destacando os saberes tradicionais de preservação das formas de vida e seus valores culturais por meio de estudos publicados.

O estudo se justifica por representar e retratar o modo de vida particular e cotidiano nas colônias de pescadores, com foco na recuperação, preservação e divulgação cultural, a fim de verificar os efeitos dos tecidos sociais dessas comunidades e os valores da pesca tradicional. O artigo contribui para uma melhor compreensão da pesca artesanal, o seu contexto e os avanços no campo. Este é um setor de destaque e relevância, pois diversas famílias dependem da pesca como meio de subsistência. Conhecer os estudos realizados nesse setor envolve tanto o saber-fazer quanto os desafios diários enfrentados pelos pescadores artesanais em suas práticas (IPHAN, 2017). Ademais, os pescadores artesanais necessitam de estímulos governamentais para melhorar as condições socioeconômicas das comunidades costeiras e garantir uma gestão sustentável.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES DA PESCA ARTESANAL

A pesca artesanal, ou de pequena escala, é uma atividade que se contrapõe à pesca em larga escala, a qual faz uso de tecnologias avançadas e exige investimentos substanciais, acessíveis apenas a uma classe capitalista da qual as comunidades pesqueiras não fazem parte. A pesca artesanal brasileira possui características únicas que devem ser analisadas a partir de uma perspectiva que considere os fatores sociais, políticos, institucionais, econômicos e ambientais próprios de cada região (Silva, 2014).

A pesca é uma das mais antigas atividades econômicas no mundo, desempenhando um papel fundamental na geração de renda para muitas famílias, tanto no litoral quanto no interior dos países. Com o crescimento da pesca industrial nos últimos anos, a pesca artesanal tem sido cada vez mais negligenciada, muitas vezes sendo esquecida devido à dificuldade em atrair os jovens para o setor e aos lucros cada vez mais baixos.

Embora a pesca de pequena escala seja reconhecida, ela é frequentemente subestimada. A pesca artesanal é difícil de ser monitorada com precisão pelos métodos convencionais. Em comparação com a pesca industrial, muitas vezes considerada mais importante sob a ótica econômica nacional, a pesca artesanal tende a ter um impacto ambiental menor, contribui mais para a geração de empregos e a segurança alimentar, e apresenta uma sustentabilidade superior (Edwards et al., 2019).

No litoral Centro-Norte de Santa Catarina - Brasil, a pesca artesanal é predominantemente realizada por pescadores mais velhos (na faixa etária de 31 a 50 anos), enquanto os pescadores mais jovens têm se voltado para a pesca industrial. A presença de alternativas de emprego mais atraentes

fora da pesca tem levado a um deslocamento do investimento e da força de trabalho jovem para outras áreas, resultando em consequências sociais e ecológicas. Muitos filhos de pescadores têm priorizado a educação e buscam seguir carreiras diferentes da pesca, com grande parte dos pescadores artesanais afirmando que não desejam que seus filhos sigam a tradição da pesca, devido aos desafios enfrentados (Medeiros et al., 1997).

É importante destacar que, como afirmam Bail e Branco (2007), “As pescarias propiciam alimentação e empregos convenientes nas pequenas comunidades, porém, à medida que esses interesses econômicos se desenvolvem, acabam sobrepondo esses objetivos”. Muitos pescadores têm abandonado suas atividades tradicionais e se dedicado a ocupações alternativas, como o comércio, passeios de barco para turistas, trabalhos como caseiros, serventes de construção, pintores, entre outras profissões que não exigem escolaridade, devido às dificuldades enfrentadas na pesca artesanal (Medeiros et al., 2007).

A sobrevivência dessa classe trabalhadora e de suas famílias é uma questão urgente, pois as capturas têm se tornado progressivamente mais escassas, com safras cada vez mais curtas que não garantem o sustento anual. Isso os obriga a aceitar subempregos nos períodos entre safra (Acauan et al., 2018). É fundamental valorizar e compreender o pescador artesanal, reconhecendo seu conhecimento profundo sobre a natureza e a pesca, bem como a luta diária que enfrentam nesse ramo e sua participação no movimento social do qual fazem parte. Silva (2014) destaca que esses pescadores podem ser vistos como heróis de uma resistência, empenhados em manter viva a tradição da pesca artesanal.

Em suma, a preservação da cultura pesqueira vai além de proteger uma atividade econômica: ela é essencial para a manutenção das raízes históricas e identitárias das comunidades pesqueiras. Ao conservar esses saberes e práticas tradicionais, preservamos a memória coletiva e a conexão das pessoas com o meio ambiente, reforçando a importância de um legado que é transmitido de geração em geração. Para garantir que essas tradições não se percam com o tempo, é fundamental investir em iniciativas que promovam a educação e conscientização sobre o valor da pesca artesanal. A criação de espaços como museus, centros de memória e acervos educativos, além de incentivos à preservação dos ambientes naturais, são caminhos eficazes para garantir que a história da pesca artesanal continue viva e relevante para as futuras gerações.

2.2 VALORIZAÇÃO DA PESCA ARTESANAL E SUSTENTABILIDADE: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A PRESERVAÇÃO CULTURAL

A pesca artesanal enfrenta uma série de ameaças que comprometem sua preservação. A falta de um planejamento adequado para o turismo tem causado problemas de organização nas praias, onde muitas das comunidades pesqueiras estão localizadas. A especulação imobiliária ao longo da orla marítima tem forçado os pescadores a se afastarem da praia, deslocando seus ranchos e embarcações para áreas mais distantes, o que dificulta ainda mais a sua situação. As atividades turísticas também impactam negativamente o ambiente marinho, interrompendo os comportamentos alimentares e reprodutivos dos peixes, o que pode afetar a biodiversidade local. Embora o turismo e a pesca artesanal sejam dois setores econômicos essenciais nas zonas costeiras do mundo, o impacto do desenvolvimento do turismo sobre a pesca é frequentemente subestimado ou ignorado (Miller, 2022).

Outro exemplo ocorre na Comunidade do Bonfim, localizada no Rio Madeira, que banha os estados de Rondônia e Amazonas (Brasil). Os moradores dessa região, dependentes da pesca como principal fonte de subsistência, temem que a presença de garimpeiros no local cause poluição no rio e contaminação dos peixes. Além disso, a água do rio, essencial para o consumo diário da comunidade, está em risco devido à possível contaminação, afetando tanto a pesca quanto a qualidade de vida dos moradores. A rotina diária dos pescadores é sair às cinco horas da manhã para pescar e retornar no período da tarde. Centenas de balsas e dragas se concentram em um trecho do Rio Madeira para a prática do garimpo de ouro, o que preocupa a comunidade. Anteriormente, os pescadores costumavam voltar com quatro caixas de peixe, mas agora, dependendo do dia, conseguem apenas meia caixa (G1 Globo, 2021). Casos como esse evidenciam as mudanças socioculturais e econômicas que afetam o cotidiano dos moradores, impactando diretamente sua forma de vida e a atividade pesqueira, que é sua principal fonte de sustento.

Além disso, problemas como a falta de fiscalização das embarcações industriais, que não respeitam o limite mínimo de 1 milha de distância da costa para realizar suas atividades, a ausência de políticas públicas adequadas para apoiar a pesca artesanal, e a carência de cooperativas de pesca que permitam aos pescadores vender diretamente seus produtos, sem a intervenção de atravessadores, são questões que agravam a situação. A diminuição gradual das capturas ao longo dos anos também é uma preocupação crescente, já que muitos pescadores relatam que a pesca tem se tornado cada vez mais escassa (Medeiros et al., 1997).

Preservar as comunidades é preservar a vida. Defender as comunidades pesqueiras tradicionais e artesanais é essencial para proteger sua cultura, raízes, religião e tradições. Proteger a vida do

pescador artesanal e seu modo de sustento é garantir o futuro das próximas gerações de pescadores tradicionais.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada para esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa (Flick, 2009), com o objetivo de realizar uma revisão bibliográfica das publicações que abordam as experiências e memórias dos pescadores artesanais. O estudo visa aprofundar o conhecimento sobre essas publicações por meio da análise detalhada de artigos acadêmicos. Para tanto, é realizado um levantamento longitudinal com pesquisa documental, abrangendo o período de 2011 a 2022, totalizando 12 anos de periódicos revisados por pares. A revisão integrativa é conduzida nas bases de dados Periódicos da Capes e Web of Science, utilizando palavras-chave como "pesca artesanal", "memórias", "cultura" e "políticas públicas". Os critérios de inclusão consideram publicações em português, espanhol e inglês, disponíveis online nessas bases de dados.

Durante o processo de pesquisa, foram identificados 32 resultados, sendo 28 provenientes da Web of Science e 14 do Periódicos da Capes. Após a aplicação dos critérios de inclusão, foram selecionados apenas os artigos com texto completo disponível e que apresentassem relevância para a temática proposta, resultando em 6 artigos da Web of Science e 11 artigos do Periódicos da Capes. Dessa forma, este estudo utilizou um total de 17 artigos científicos. O Quadro 1 demonstra a relação dos artigos utilizados para esta pesquisa:

Quadro 1: Rol de artigos nacionais e internacionais selecionados

Artigos	Autores	Base de dados
Lugar y sentido de lugar en un camino de la costa atlántica patagónica, 1950-1970.	Bocco, Cinti, Vezub, Carnero Sanchez-Carnero e Chavez (2019)	Periódicos Capes
Transformaciones en las economías pesquero—artesanales contemporáneas: el caso de las localidades de Cucao y Tenaún, (Provincia de Chiloé, Región de Los Lagos, Chile).	Cardona e Ríos (2011)	Periódicos Capes
Percepção de impactos sobre a pesca artesanal: caminhos para o manejo dos recursos pesqueiros do Amapá, Brasil.	Pantoja, Corrêa, Ferreira, Guedes, Mendonça e Pantoja (2021)	Periódicos Capes
Pesca artesanal na Baía de Ilha Grande, no Rio de Janeiro: conflitos com unidades de conservação e novas possibilidades de gestão.	Joventino, Johnsson e Lianza (2013)	Periódicos Capes
Neoliberalismo global, capitalismo racial e organização política de mulheres numa comunidade pesqueira quilombola do recôncavo da Bahia.	Maia (2021)	Periódicos Capes
Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento.	Maneschy, Siqueira e Álvares (2012)	Periódicos Capes

O comportamento da pesca artesanal e soluções participativas para o uso sustentável dos recursos pesqueiros de Araguacema, Tocantins, Amazônia, Brasil.	Mendes Filho, Figueiredo, Silvia, Cintra e Santos (2021)	Periódicos Capes
Atividade pesqueira e construção de embarcações na colônia de pescadores Z-18 do município de União/PI, Brasil.	Santos, Soares e Barros (2015)	Periódicos Capes
A pesca artesanal e a produção dos geógrafos brasileiros de meados do século XX.	Cardoso (2018)	Periódicos Capes
Os efeitos do avanço urbano/industrial na baía de Guanabara na percepção de pescadores artesanais.	Tavares Filho, Paiva, Poll, Batista e Freitas (2020)	Periódicos Capes
Evaluating support for shark conservation among artisanal fishing communities in Costa Rica.	O'Bryhim, Parsons, Gilmore e Lance (2016)	Web of Science
Bluefin tuna fishery policy in Malta: The plight of artisanal fishermen caught in the capitalist net.	Said, Tzanopoulos e MacMillan (2016)	Web of Science
Understanding Artisanal Fishers' Behaviors: The Case of Ciénaga Grande de Santa Marta, Colombia.	Torres-Guevara, Lopez e Schlüter (2016)	Web of Science
Valuing the wild salmon fisheries of Scotland: The social and political dimensions of management.	Morton, Ariza, Halliday e Pita (2016)	Web of Science
Small-scale fisheries of the Atlantic seabob shrimp (<i>Xiphopenaeus kroyeri</i>): Continuity of commercialization and maintenance of the local culture through making public policies on the Brazilian coast.	Mussiello-Fernandes, Zappes e Hostim-Silva (2018)	Web of Science
Bridging Traditional and Scientific Knowledge of Climate Change: Understanding Change Through the Lives of Small Island Communities.	Matera (2020).	Web of Science

Fonte: elaborado pelos autores (2022)

Nos artigos selecionados, os dados foram organizados pelos conceitos e categorias. Utilizou-se o software Atlas.ti para a análise e realização da revisão dos textos por completo, de acordo com o Quadro 2:

Quadro 2: Categorias de análise

Categorias de análise	Conceito	Autores
Áreas de proteção ambiental	Extensa área natural destinada à proteção e conservação de atributos bióticos (fauna e flora), estéticos ou culturais existentes para a qualidade de vida de uma população ou comunidade para a proteção de ecossistemas regionais.	Joventino, Johnsson e Lianza (2013), O'Bryhim et al. (2018), Pantoja et al. (2021).
Conhecimento	Aquilo que é adquirido a partir da experiência e contato com o mundo, do simples ato de pensar.	Cardona e Ríos (2011), Maneschy; Siqueira; Alves, 2012; Santos; Soares; Barros (2015), Torres-Guevara et al. (2016), O'Bryhim et al., (2018), Souza; Silva (2018), Bocco (2019), Matera (2020), Tavares Filho et. Al (2020), Pantoja et al (2021).
Empregabilidade	Capacidade ou possibilidade de conseguir um emprego.	Cardona; Ríos, 2011; Maneschy, Siqueira, Álvares, 2012; Morton et al., 2016; Mussiello-Fernandes et al., 2018; O'Bryhim et al., 2018; Souza; Silva, 2018; Matera, 2020; Tavares Filho et

		al., 2020; Mendes et al., 2021; Maia, 2021, Pantoja et al., 2021.
Experiência	Aprendizado obtido da prática ou da vivência.	Maneschky, Siqueira, Álvares, 2012; Santos; Soares; Barros, 2015; Torres-Guevara et. al., 2016; Mussiello-Fernandes et al., 2018; Cardona; Ríos, 2018; Souza; Silva, 2018; Bocco, 2019; Tavares Filho et al., 2020; Pantoja et al., 2021.
Gestão de recursos	Planejamento, organização, alocação e controle dos recursos.	Cardona; Ríos, 2011; Maneschky, Siqueira, Álvares, 2012; Joventino; Johnsson; Lianza, 2013; Torres-Guevara et al., 2016; Said et al., 2016; Cardoso, 2018; Mussiello-Fernandes, et. al., 2018; O'Bryhim et al., 2018; Matera, 2020; Tavares Filho et al., 2020; Mendes Filho et al., 2021; Pantoja et al., 2021.
Gestão econômica	Análise dos custos e investimentos por resultados econômicos.	Mussiello-Fernandes et al., 2018; O'Bryhim et al., 2018; Cardona; Ríos, 2018; Said et al., 2016; Cardoso, 2018; Souza; Silva, 2018; Tavares Filho et al., 2020.
Pescadores	Atividades realizadas por profissionais que vivem em comunidades que realizam a pesca em pequena escala para o consumo da família ou venda local.	O'Bryhim et al., 2018; Said et al., 2016; Torres-Guevara et al., 2016; Bocco, 2019; Cardona; Ríos, 2018; Joventino; Johnsson; Lianza, 2013; Cardoso, 2018; Maia, 2021; Pantoja et al., 2021; Maneschky; Siqueira; Alves, 2012; Santos; Soares; Barros, 2015; Souza; Silva, 2018; Tavares Filho et al., 2020.
Políticas Públicas	Decisões e ações estabelecidas por um governo e seus representantes para resolver problemas específicos, atender demandas da sociedade e promover o bem estar social.	Cardona; Ríos, 2011; Said et al., 2016; O'Bryhim et al., 2018; Mussiello-Fernandes et al., 2018; Joventino; Johnsson; Lianza, 2013; Cardoso, 2018; Pantoja et al., 2021; Maneschky; Siqueira; Alves, 2012; Souza; Silva, 2018; Tavares Filho et al., 2020.
Poluição	Alteração provocada no meio ambiente.	Matera, 2020; Torres-Guevara et al., 2016; Joventino; Johnsson; Lianza, 2013; Pantoja et al., 2021; Tavares Filho et al., 2020.
Práticas da pesca artesanal	Percepção dos pescadores artesanais sobre os regramentos e instrumentos que regulam a pesca artesanal.	Matera, 2020; Mussiello-Fernandes et al., 2018; O'Bryhim et al., 2018; Said et al., 2016; Torres-Guevara et al., 2016; Bocco, 2019; Cardona; Ríos, 2018; Joventino; Johnsson; Lianza, 2013; Cardoso, 2018; Maia, 2021; Maneschky; Siqueira; Alves, 2012; Mendes Filho et al., 2021; Pantoja et al., 2021; Santos; Soares; Barros, 2015; Tavares Filho et al., 2020.
Regulações	Ato de estabelecer normas, regras ou regulamentos.	O'Bryhim et al., 2018; Said et al., 2016; Cardona; Ríos, 2018; Joventino; Johnsson; Lianza, 2013; Maia, 2021; Maneschky; Siqueira; Alves, 2012; Pantoja et al., 2021; Souza; Silva, 2018; Tavares Filho et al., 2020.

Segurança alimentar	Disponibilidade, o acesso e a qualidade dos alimentos necessários para a saúde e o bem-estar das pessoas.	Matera, 2020; Mussiello-Fernandes et al., 2018; O'Bryhim et al., 2018; Torres-Guevara et al., 2016; Cardoso, 2018; Pantoja et al., 2021; Tavares Filho et al., 2020.
Sustentabilidade	Capacidade de um sistema ou processo de se manter ou continuar indefinidamente sem esgotar recursos ou causar danos irreparáveis ao meio ambiente, à sociedade e à economia.	O'Bryhim et al., 2018; Torres-Guevara et al., 2016; Cardona; Ríos, 2018; Joventino; Johnsson; Lianza, 2013; Manesch; Siqueira; Alves, 2012; Mendes Filho et al., 2021; Pantoja et al., 2021; Santos; Soares; Barros, 2015; Souza; Silva, 2018.

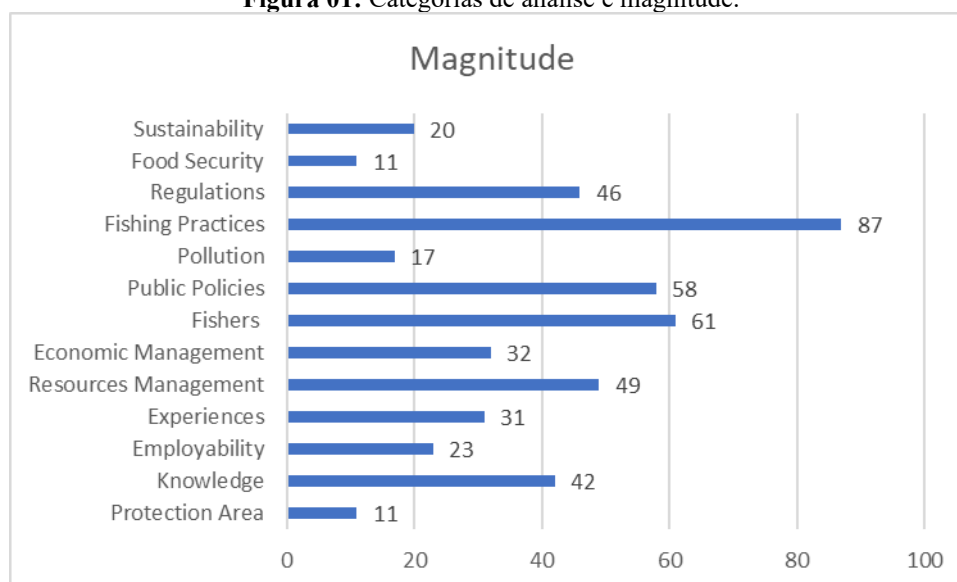
Fonte: dados da pesquisa (2022).

Os artigos foram analisados baseados nas categorias estabelecidas. Os textos foram selecionados a partir de informações relevantes com a extração de partes utilizadas nos documentos, ordenamento de ideias e comparações para a interpretação dos dados.

4 RESULTADOS

A partir dos resultados obtidos, pode-se verificar na Figura 01 as categorias de análise e suas magnitudes:

Figura 01: Categorias de análise e magnitude.



De acordo com as categorias analisadas, as práticas da pesca (87), pescadores (61) e políticas públicas (58) são as mais referenciadas na análise dos artigos.

Para este estudo, verificou-se que os pescadores apoiam a formação de áreas de proteção, considerando-as importantes para a preservação dos métodos de pesca e para a proteção das comunidades que dependem da pesca para seu sustento. Embora os países e as Áreas Marinhas

Protegidas (MPAs) tenham definido essas áreas com o objetivo de promover uma pesca mais sustentável e segura para as comunidades locais e os ecossistemas marinhos, alguns pescadores têm uma percepção negativa em relação aos responsáveis pela fiscalização e pelo gerenciamento dessas áreas, associando-os às proibições de caça e pesca (O'Bryhim et al., 2018).

Segundo os pescadores, a sinalização no mar, criada apenas em 2010, tem como função preservar a biodiversidade e monitorar as atividades humanas. No entanto, a operação das áreas protegidas ainda depende de um melhor aparelhamento, como embarcações adequadas e materiais de mergulho, mas, muitas vezes, esses equipamentos não seguem as regras estabelecidas (Joventino; Johnsson; Lianza, 2013). Além disso, os pescadores destacam que, em diversas ocasiões, a escolha das áreas de proteção tem sido realizada de forma aleatória, sem fundamentos técnicos adequados, como o critério de 1 km para a pesca (Joventino; Johnsson; Lianza, 2013). Alguns pescadores afirmam que as zonas protegidas deveriam se restringir apenas às áreas de manguezal, enquanto outros consideram que a criação de áreas protegidas é uma boa estratégia para a conservação natural (Joventino; Johnsson; Lianza, 2013).

Além disso, muitos pescadores criticam as prorrogações excessivas das restrições de pesca, que afetam significativamente a pesca local, apesar de ser uma medida que visa a proteção da procriação das espécies, conforme o Código de Pesca (Joventino; Johnsson; Lianza, 2013). É importante ressaltar que estudos sobre ecologia, biogeografia e biologia da conservação das espécies visam aprimorar a proteção e gestão dos recursos naturais e dos ecossistemas marinhos (Pantoja et al., 2021).

Quanto ao conhecimento dos pescadores, este estudo destaca sua importância e como a pesca impacta as espécies. Ao longo dos anos, os pescadores artesanais têm se conscientizado sobre os efeitos da pesca nas populações de peixes. Embora alguns já tenham adquirido essa consciência, o tema continua sendo amplamente debatido por ambientalistas, pescadores e políticos, devido a uma série de fatores culturais que envolvem as comunidades pesqueiras (O'Bryhim et al., 2018). Segundo o conhecimento ecológico tradicional, que é definido como o acúmulo do saber humano, os pescadores possuem um vasto conhecimento, que abrange desde o habitat e as espécies até os padrões migratórios (Torres-Guevara et al., 2016).

As mulheres desempenham um papel fundamental nas comunidades pesqueiras, pois elas também possuem um vasto conhecimento ecológico, que inclui atividades como tecer redes, beneficiar o pescado e coletar mariscos e algas (Maneschky; Siqueira; Alves, 2012). A pesca artesanal, transmitida de geração em geração, é composta por núcleos familiares e envolve diversos fatores que impactam o meio ambiente, como cultura, religião e crenças. Além dos pescadores, as comunidades

indígenas e quilombolas também são dependentes da preservação dos recursos naturais, sendo essa preservação um aspecto cultural, ancestral e até mesmo religioso (Pantoja; Corrêa; Ferreira; Guedes; Mendonça; Pantoja, 2021).

Além de possuírem amplo conhecimento sobre a história natural e comportamental das espécies de peixes, os pescadores utilizam embarcações feitas com espécies vegetais. Seus conhecimentos são profundos, embora variem conforme a faixa etária. Os mais velhos e adultos acumulam maior saber, especialmente os homens, que são maioria nas comunidades pesqueiras. As canoas, que variam de 4 a 5 metros de comprimento, são divididas em sete partes: proa, popa, cintado, forro, cavernas, banco de sentar e remo. Essas embarcações são feitas principalmente de madeira e outros materiais variados, sendo que algumas possuem motores pequenos (Santos; Soares; Barros, 2015). Matera (2020) enfatiza que, para os pescadores, é essencial a constante atualização de seu conhecimento, a fim de se tornarem especialistas em compreender os padrões migratórios e os recursos disponíveis.

Bocco (2019) destaca que as paisagens das áreas pesqueiras são moldadas pelas práticas dos pescadores e suas famílias. O conhecimento dos pescadores sobre a sustentabilidade é crucial para encontrar soluções mais eficazes e benefícios reais para as comunidades locais (Cardona; Ríos, 2011). Esse saber local, que transmite a cultura e é passado de geração em geração, é fundamental para a preservação da sabedoria ancestral. Os pescadores conhecem profundamente a natureza e sua dinâmica. Dessa forma, o estilo de vida dessas comunidades reflete a relação dos envolvidos com o local em que habitam (Souza; Silva, 2018). Na pesca, os pescadores utilizam equipamentos como a tarrafa, a rede e o espinhel (Tavares Filho et al., 2020).

No que se refere à empregabilidade no meio pesqueiro, a pesca não apenas movimentar a economia local, mas também gera empregos para muitas pessoas, que buscam seu sustento por meio da captura de peixes pequenos e de maneira sustentável (Morton et al., 2016; Matera, 2020). No entanto, muitos pescadores ainda necessitam de uma fonte de renda adicional para garantir a sobrevivência (Mussiello-Fernandes et al., 2018).

A pesca artesanal, além de prover renda, também oferece alimento para aqueles que dependem dessa atividade e representa aproximadamente 90% da taxa de emprego na pesca de captura (Mendes et al., 2021). Contudo, em relação aos produtores familiares, muitos pescadores afirmam que não gostariam que seus filhos seguissem a carreira de pescador (Souza; Silva, 2018). A preferência de grande parte dos pescadores é pescar de 5 a 6 vezes por semana, o que permite descanso e, ao mesmo tempo, a proteção das baías que garantem seu sustento (Tavares Filho et al., 2020).

Na América Latina, a pesca é uma importante fonte de alimento e emprego para as comunidades locais (O'Bryhim et al., 2018). Contudo, é urgente o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para os trabalhadores da pesca no Brasil (Mussiello-Fernandes et al., 2018). A pesca não apenas define a cultura local, mas também transforma ecossistemas e fornece suporte para as indústrias costeiras e para a economia em geral (Morton et al., 2016). Os recursos pesqueiros frequentemente são fundamentais para a subsistência das comunidades e estão interligados às atividades pesqueiras (Cardona; Ríos, 2011).

Embora a pesca e a mariscagem sejam atividades econômicas essenciais, muitas vezes não são suficientes para garantir a subsistência de uma família. Por isso, alguns pescadores recorrem a outras atividades, muitas delas informais, para complementar sua renda e garantir a sobrevivência (Maia, 2021). Muitos trabalham com tecelagem de redes de pesca ou levam suas esposas a bordo como medida de economia, para compensar os custos com licenças e combustível. Estudos indicam que as mulheres desempenham um papel importante na pluriatividade das famílias de pescadores, contribuindo significativamente para a diversificação das fontes de renda (Maneschy; Siqueira; Alves, 2012). A pesca artesanal continua sendo uma fonte vital de emprego e alimento para muitas populações (Pantoja et al., 2021).

Sobre as preferências dos pescadores, observa-se que muitos optam por pescar animais de menor porte, como os camarões, que são abundantes nas costas do Brasil e desempenham um papel importante na economia local. Em diversas comunidades pesqueiras, as mulheres desempenham um papel central nesse processo, não apenas na pesca, mas também na venda desses produtos e na participação ativa em outras atividades relacionadas (Mussiello-Fernandes et al., 2018). Para os homens que possuem outras atividades além da pesca, a prática de pescar acaba sendo uma forma de lazer (Torres-Guevara et al., 2016).

O conhecimento sobre os locais de pesca e a diversidade marinha local, que varia conforme a época do ano, é de extrema importância. A gestão dos recursos pesqueiros, bem como os cuidados e as medidas de segurança no local de trabalho, são aspectos essenciais para os pescadores (Cardona; Ríos, 2018), que prestam atenção ao ambiente ao seu redor, como correntes marítimas, ventos, marés, ondas, vegetação, fauna, flora e ciclos ecológicos, fatores que variam de região para região. Esses conhecimentos contribuem para a sabedoria local sobre os peixes e os fenômenos naturais (Pantoja et al., 2021; Santos; Soares; Barros, 2015).

Os pescadores artesanais utilizam uma variedade de materiais e ferramentas para a pesca, sendo as canoas, construídas com diferentes tipos de madeira, um exemplo. As embarcações podem ser movidas por motores ou remos (Souza; Silva, 2018). No entanto, as novas gerações têm

demonstrado pouco interesse pela pesca, o que pode prejudicar a transmissão de habilidades e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos. Muitos jovens buscam alternativas de trabalho fora da pesca, embora, em algumas situações, tentem adaptar-se a novos valores sociais (Souza; Silva, 2018). Isso impacta no resgate das memórias e das experiências vividas pelos pescadores artesanais. Além disso, utilizam diversas técnicas de captura, como redes de arrastão, coleta manual e armadilhas para caranguejos e siris (Tavares Filho et al., 2020). As vivências, sentimentos, afetos e recordações das experiências vividas pelos pescadores são essenciais para entender o vínculo com o ambiente em que atuam e suas tradições (Bocco, 2019).

As mulheres nas comunidades pesqueiras desempenham um papel fundamental no empoderamento e na defesa de direitos sociais, além de contribuírem para o desenvolvimento de políticas de gênero. Elas também são responsáveis por manter e transmitir saberes ecológicos, buscando uma conciliação entre as questões econômicas e ambientais no contexto dos ecossistemas (Maneschy; Siqueira; Alves, 2012).

Um aspecto relevante na gestão de recursos pesqueiros nas comunidades é o sistema de monitoramento, que permite acompanhar a coleta diária de peixes e o rendimento semanal (Matera, 2020). Os pescadores estão nas primeiras etapas da cadeia de suprimentos pesqueiros, muitas vezes vendendo os peixes a preços determinados pelos intermediários. A criação de associações ou cooperativas pode ser uma alternativa para melhorar a organização e a produção dentro dessa cadeia (Mussiello-Fernandes et al., 2018). A falta de investimento nas colônias de pescadores, no entanto, pode resultar no colapso dos estoques de peixes e na necessidade de um segundo emprego, o que compromete a organização e a dinâmica dos ecossistemas. Exemplos disso incluem a caça predatória de tubarões, cujas populações têm diminuído, mas cujas populações estão começando a se recuperar com medidas de proteção (O'Bryhim et al., 2018). A pesca industrial também contribuiu para a diminuição de atuns, afetando ainda mais a biodiversidade marinha (Said et al., 2016). Isso pode resultar em perda de espécies e redução de cardumes (Tavares Filho et al., 2020; Pantoja et al., 2021).

Portanto, é fundamental o desenvolvimento de uma gestão integrada da pesca, que envolva aspectos ecológicos, sociais, econômicos e institucionais (Maneschy; Álvares, 2012; Torres-Guevara et al., 2016). A pesca tem grande importância para os países em desenvolvimento, mas a falta de organização pode levar à escassez de recursos pesqueiros e à diminuição da biodiversidade, gerando a necessidade de migração para novas áreas, criando um ciclo vicioso (Cardona; Ríos, 2011; Joventino; Johnsson; Lianza, 2013). No Brasil, os impactos causados ao meio ambiente, como a exploração inadequada, a poluição dos mananciais, o desmatamento das matas ciliares e a expansão

da agropecuária nas margens dos rios, têm afetado a pesca e prejudicado a sustentabilidade das comunidades pesqueiras (Mendes Filho et al., 2021).

Em razão das práticas de gestão econômica, observa-se que a pesca em pequena escala no Brasil, especialmente a pesca do camarão, contribui significativamente para a economia local, sem causar desperdício. O camarão tem um valor cultural e gastronômico importante na culinária brasileira, que, por sua vez, impulsiona o comércio local, com uma rede de restaurantes e forte vínculo tanto com o mar quanto com os próprios pescadores (Mussiello-Fernandes et al., 2018). No entanto, a falta de apoio econômico ao setor pesqueiro, como no caso da Costa Rica, que depende da pesca artesanal, afeta a renda dos pescadores. A introdução da pesca em larga escala tem diminuído a renda da pesca familiar, levando, em alguns casos, à caça de animais como tubarões para consumo doméstico (O'Bryhim et al., 2018).

A pesca industrial, com seu auge na década de 1990, especialmente em países como o Japão, aumentou a competitividade pela captura de algumas espécies de peixes, como o atum. O Chile, por exemplo, extrai grandes volumes de matéria-prima devido à crescente demanda internacional (Said et al., 2016). Esses fatores têm gerado uma crise na extração dos recursos pesqueiros, resultando em empobrecimento econômico nas regiões pesqueiras. Como alternativa, a diversificação das atividades produtivas, como o turismo (com camping, alojamentos e a venda de produtos marinhos artesanais), tem se mostrado uma estratégia viável para melhorar a administração local e garantir a sustentabilidade (Cardona; Ríos, 2011). A pesca artesanal, predominantemente masculina e de baixa renda, é responsável por uma parte significativa da renda das famílias nas colônias de pescadores, sendo que os pescadores utilizam métodos como redes de arrastão, coleta manual e armadilhas para caranguejos. A comercialização dos produtos é realizada principalmente para restaurantes locais e diretamente na praia (Tavares Filho et al., 2020).

A poluição dos oceanos, rios e lagos é uma grande preocupação para o setor pesqueiro, e reflete a falta de conscientização ambiental por parte de muitas pessoas e autoridades. O lixo tóxico, por exemplo, causa erosão do solo, elevação da temperatura da água e o branqueamento dos corais, além de ser um risco à saúde humana, já que pode contaminar os recursos marinhos consumidos pelas populações locais (Matera, 2020). Além disso, a alteração no tráfego de embarcações, o despejo de óleos, o desmatamento, os assoreamentos e os conflitos de pesca, como a pesca de arrasto, são fatores que provocam desastres ecológicos nos ecossistemas marinhos (Joventino; Johnsson; Lianza, 2013). O comércio ilegal de embarcações, tarrafas, varas de pesca e anzóis, especialmente em áreas de preservação, é uma prática crescente e prejudica a sustentabilidade ambiental (Santos; Soares; Barros,

2015). Essas questões acontecem, em grande parte, pela falta de fiscalização e pela insuficiência de políticas públicas eficazes (Matera, 2020).

No entanto, a sustentabilidade na pesca pode ser observada em pequenas escalas, especialmente entre os pescadores artesanais que buscam preservar os rios e os ambientes pesqueiros, garantindo a qualidade dos recursos pesqueiros ao longo do tempo (O'Bryhim et al., 2018). Além dos pescadores, as comunidades indígenas, em determinadas regiões, também são afetadas pela falta de cuidado com o meio ambiente. Dessa forma, é essencial buscar a sustentabilidade comunitária, envolvendo tanto pescadores quanto indígenas, para garantir a preservação dos recursos naturais (Torres-Guevara et al., 2016). O estabelecimento de áreas de proteção, como as demarcadas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação, é uma estratégia importante para a conservação ambiental e a proteção das áreas de pesca (Joventino; Johnsson; Lianza, 2013).

A segurança alimentar é outro aspecto fundamental na vida dos pescadores. A pesca artesanal não apenas garante a subsistência das famílias, fornecendo proteína essencial por meio do consumo de peixes locais, mas também está diretamente ligada à economia e ao bem-estar das comunidades pesqueiras. Assim, a pesca diária se torna uma necessidade vital para a sobrevivência e o sustento das famílias (Matera, 2020).

A regulação das pescas, com o envolvimento de gestores, biólogos de conservação e outras partes interessadas, tem se intensificado para proteger os recursos marinhos, especialmente os tubarões. Um aspecto importante dessa iniciativa é a compreensão das reações dos pescadores locais frente a novas regulamentações. Um exemplo disso é a exigência do INCOPESCA para que as associações de pesca locais busquem o status de AMPR (Área Marinha Protegida Artesanal), promovendo uma abordagem colaborativa para garantir práticas sustentáveis na pesca (O'Bryhim, 2018). No entanto, o sistema capitalista e as políticas neoliberais influenciam fortemente o manejo dos recursos pesqueiros, com o Estado frequentemente impulsionando essas práticas econômicas, o que pode afetar a sustentabilidade e a equidade na gestão dos recursos naturais (Said, 2016).

A diminuição dos recursos pesqueiros é visível em diversas áreas, e a imposição de novas formas de gestão, como o sistema de quotas, tem gerado reações contrastantes entre os pescadores. Enquanto alguns apontam a pesca industrial como principal culpada, outros reconhecem a contribuição da própria pesca artesanal, que muitas vezes adota práticas predatórias. A experiência da pesca da pescada do Sul, onde foram estabelecidas quotas regionais, revelou desafios para os pescadores, uma vez que a imposição das quotas criou um ambiente de competição intensa e instabilidade (Cardona; Ríos, 2011). A pesca artesanal, por sua natureza, é vulnerável a flutuações imprevisíveis nos aspectos ecológicos, sociais, políticos e econômicos devido à sua base de capital

reduzida. O enfraquecimento das comunidades pesqueiras de pequena escala foi observado em diversas regiões, como na América do Norte, Islândia, Austrália e Canadá, que compartilham uma abordagem neoliberal que contribuiu para o declínio dessas comunidades (Said, 2016).

Além disso, a pesca artesanal tem enfrentado desafios culturais, já que muitos pescadores preferem atividades alternativas ou complementares, como o turismo, em detrimento da pesca tradicional. Isso tem levado ao abandono gradual dessa prática, com uma mudança significativa nas dinâmicas de trabalho e nas relações com o meio ambiente (Joventino; Johnsson; Lianza, 2013). O foco na pesca industrial e as dificuldades enfrentadas pelas comunidades pesqueiras de pequena escala, como a falta de conhecimento sobre o regime das águas e a biologia das espécies, dificultam a sustentabilidade da pesca artesanal (Cardoso, 2018).

Em termos de políticas públicas, no Brasil, o governo federal implementa um subsídio financeiro para reduzir os custos operacionais das embarcações pesqueiras, tanto artesanais quanto industriais, por meio do Diesel Fuel Economic Price Subsidy Program (Mussiello-Fernandes, 2018). No entanto, essa política tem sido criticada, pois pode incentivar um aumento no esforço de pesca, o que agrava a situação da sobrepesca e da diminuição dos recursos pesqueiros. As políticas neoliberais e a crescente industrialização da pesca, impulsionadas por decisões políticas, têm prejudicado os pescadores artesanais, que veem suas habilidades e conhecimentos tradicionais substituídos por novas dinâmicas econômicas e oportunidades limitadas de empreendedorismo (Said, 2016).

Em relação às técnicas de pesca, os pescadores artesanais ainda utilizam métodos tradicionais, como a pesca com anzol e arpão, a exploração de camarões e a pesca noturna de peixes voadores, bem como armadilhas em canais entre lagoas e o oceano (Matera, 2020). Apesar disso, há uma falta de interesse das novas gerações pela profissão, o que resulta em uma perda significativa do conhecimento tradicional transmitido de pais para filhos. Estudos globais indicam que as pescarias artesanais de pequena escala geram 25 vezes mais empregos do que as frotas industriais, sublinhando sua importância social e econômica (Bocco, 2019).

A relação entre as comunidades pesqueiras e as áreas de conservação também é uma questão crítica. Muitas comunidades enfrentam dificuldades devido à fiscalização rigorosa e às práticas de pesca destrutivas, o que coloca em risco tanto a biodiversidade quanto a sustentabilidade das práticas pesqueiras locais (Cardoso, 2018). Portanto, a integração entre a preservação ambiental e as necessidades econômicas das comunidades pesqueiras é um desafio crucial para a sustentabilidade da pesca artesanal em pequena escala.

5 DISCUSSÃO

O estudo realizado visa investigar a produção intelectual relacionada às experiências e memórias dos pescadores artesanais, destacando seu papel como transmissores ou mediadores entre o patrimônio cultural e a educação social. A pesquisa enfatiza como os saberes tradicionais, preservados ao longo das gerações, são fundamentais tanto para a sustentabilidade das práticas pesqueiras quanto para a manutenção das identidades culturais das comunidades pesqueiras.

Os resultados revelam que as experiências de vida dos pescadores artesanais desempenham um papel essencial na preservação e transmissão de saberes, que não apenas sustentam as atividades pesqueiras, mas também consolidam a identidade das comunidades. O profundo conhecimento do ambiente marinho, das espécies e das técnicas de pesca é um patrimônio imaterial valioso que deve ser protegido. Esse saber tradicional, transmitido de geração em geração, é vital não apenas para a preservação da biodiversidade marinha, mas também para o fortalecimento das comunidades locais e suas práticas sustentáveis.

O estudo destaca a importância de reconhecer o pescador artesanal como um guardião de uma cultura ancestral, que resiste aos desafios impostos pela industrialização da pesca e pela escassez de recursos. As memórias e práticas dos pescadores artesanais, profundamente ligadas à sustentabilidade, solidariedade e respeito ao meio ambiente, representam formas de resistência cultural. A transmissão desses saberes é, portanto, uma ferramenta educacional significativa, que pode servir de base para a educação ambiental e a formulação de políticas públicas que respeitem os conhecimentos e as necessidades das comunidades pesqueiras.

6 CONCLUSÃO

A pesquisa sugere que, ao promover a valorização desses saberes e práticas, além de colaborar para a preservação ambiental, podemos fortalecer a identidade das comunidades pesqueiras e fomentar um desenvolvimento sustentável que respeite suas tradições. Portanto, reconhecer as experiências de vida dos pescadores artesanais é crucial para preservar suas práticas e contribuir para a educação social e ambiental nas regiões costeiras.

Como proposta para futuras pesquisas, seria interessante explorar as dinâmicas intergeracionais na transmissão dos saberes pesqueiros, investigando como as novas gerações estão lidando com as mudanças, como a modernização e a degradação ambiental, e se há adaptações ou modificações nas práticas tradicionais. Estudos comparativos entre diferentes regiões pesqueiras também podem oferecer uma visão mais ampla sobre os processos de preservação cultural e os impactos socioeconômicos das mudanças nas atividades pesqueiras. Além disso, a análise das políticas

públicas de proteção e valorização do patrimônio imaterial das comunidades pesqueiras é relevante, considerando sua implementação e os impactos no desenvolvimento sustentável local. Finalmente, incluir pesquisas sobre o papel das mulheres nas comunidades pesqueiras pode enriquecer a compreensão das dinâmicas sociais e culturais, destacando sua contribuição na preservação e transmissão dos saberes tradicionais.

FINANCIAMENTO

Os autores declararam o recebimento do seguinte apoio financeiro para a pesquisa: Este trabalho foi apoiado pela Chamada CNPq/MCTI/FNDCT nº 18/2021 - Nível A - Grupos Emergentes (número de concessão 406488/2021-5).

REFERÊNCIAS

- Acauan, R. C. et al. (2018), Artisanal fisheries in the city of Penha (SC): a rereading of socioeconomic context of the activity and the sector adaptive capacity. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Vol. 49, p. 150-166. 10.5380/dma.v49i0.58078
- Bail, G. C.; Branco, J. O. (2007), Pesca artesanal do camarão sete-barbas: uma caracterização sócio-econômica na Penha, SC. *Brazilian Journal of Aquatic Science and Technology*, v. 11, p. 25-32. 10.14210/bjast.v11n2.p25-32.
- Bocco, G. et al. (2019), Lugar y sentido de lugar en un camino de la Costa Atlántica Patagónica, 1950-1970. *Región y Sociedad*, Vol. 31, e1127, pp. 1-27, 10.22198/rys2019/31/1127
- Cardona, M. C., & Ríos, F. T. (2011), Transformations in Today's Artisan Fishing Economies: The Case of Cucao and Tenaún (Province of Chiloé, Los Lagos Region, Chile), Vol. 20 No. 2, pp. 61-75. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-215X2011000200006
- Cardoso, E. S. (2018), A pesca artesanal e a produção dos geógrafos brasileiros de meados do século XX, *Geosp – Espaço e Tempo* (Online), Vol. 22 No. 3, pp. 656-669. 10.11606/issn.2179-0892.geosp.2018.144412.
- Chakour, S. -C. (2008). Sustainable management of artisanal fisheries in developing countries; the need for expert systems: the case of the Pechakour Expert System (PES). *Environmental Economics and Investment Assessment II*, Série de livros: WIT Transactions on Ecology and the Environment, Vol.108, p. 10.2495 .209-217 /EEIA080211
- Edwards, P. et al. (2019). Socioeconomic Monitoring for Sustainable Small-Scale Fisheries: Lessons from Brazil, Jamaica, and St. Vincent and the Grenadines. In: Salas, S. et al. *Viability and Sustainability of Small-Scale Fisheries in Latin America and The Caribbean*. Springer, Cham, p. 267-293. 10.1007/978-3-319-76078-0_12
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3.ed. São Paulo: Artmed.
- Food and Agriculture Organization of the United Nations – FAO. (2022). *The State of World Fisheries and Aquaculture 2022*. Disponível em: < <https://openknowledge.fao.org/items/11a4abd8-4e09-4bef-9c12-900fb4605a02>>. Acesso em: 01/01/2025.
- G1 Globo. (2021), Vai prejudicar nosso peixe cada vez mais, diz ribeirinha que sobrevive da pesca no rio Madeira sobre garimpo ilegal. Por Patrick Marques. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/11/27/vai-prejudicar-nosso-peixe-cada-vez-mais-diz-ribeirinha-que-vive-as-margens-do-rio-madeira-sobre-garimpo-ilegal.ghhtml>> Acesso em: 02/01/2025.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. (2017). Pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/videos/detalhes/234>>. Acesso em: 01/01/2025.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. (2025). Inventários de bens culturais. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/421> >. Acesso em: 01/01/2025.

Joventino, F. K. P. (2013), Pesca artesanal na Baía de Ilha Grande, no Rio de Janeiro: conflitos com unidades de conservação e novas possibilidades de gestão. *Política & Sociedade*, Vol. 12 No. 23, pp. 159-182. 10.5007/2175-7984.2013v12n23p159

López-Martínez, G.; Espeso-Molinero, P. (2020). Pesca artesanal, patrimonio cultural y educación social.: El pescador murciano como transmisor cultural. *Revista Murciana de Antropología*, No. 27, p. 11-32. DOI: 10.6018/rmu.427471

Maia, S. (2021), Neoliberalismo global, capitalismo racial e organização política de mulheres numa comunidade pesqueira quilombola do Recôncavo da Bahia. *Latin América Research Review*, Vol. 56 No. 2, pp. 371-384. 10.25222/larr.628

Maneschy, M. C., Siqueira, D., & Álvares, M. L. M. (2012), Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Revista Estudos Feministas*, Vol. 20 No. 3, pp. 713-737.

Medeiros, R. P. et al. (1997), Diagnóstico sócioeconômico e cultural nas comunidades pesqueiras artesanais do Litoral Centro-Norte do Estado de Santa Catarina. *Brazilian Journal of Aquatic Science and Technology*, Vol. 1 No. 1, p. 33-42. 10.14210/bjast.v1n1.2613

Matera, J. (2020), Bridging Traditional and Scientific Knowledge of Climate Change: Understanding Change Through the Lives of Small Island Communities. *Human Ecology*, Vol. 48, pp. 529-538. 10.1007/s10745-020-00186-w

Mendes Filho, O. R. et al. (2021), Artisanal fishing behavior and participatory solutions for the sustainable use of fishery resources in Araguacema, Tocantins, Amazon, Brazil. *Research, Society and Development*, Vol 10 No. 2, e214101220408, pp. 1-13. 10.33448/rsd-v10i12.20408

Miller, K. M. Disentangling tourism impacts on small-scale fishing pressure. *Marine Policy*, Vol. 137, p. 1-13, 2022. 10.1016/j.marpol.2022.104960.

Morton, J., Ariza, E., Halliday, M., & Pita, C. (2016), Valuing the wild salmon fisheries of Scotland: The social and political dimensions of management. *Marine Policy*, 73, pp. 35-45. [org/10.1016/j.marpol.2016.07.010](https://doi.org/10.1016/j.marpol.2016.07.010)

Musiello-Fernandes, J., Zappes, C. A., Hostim-Silva, M. (2018), Small-scale fisheries of the Atlantic seabob shrimp (*Xiphopenaeus kroyeri*): Continuity of commercialization and maintenance of the local culture through making public policies on the Brazilian coast. *Ocean and Coastal Management*, 155, pp. 76-82. 10.1016/j.ocecoaman.2018.01.033

Nascimento, G. C. C.; Córdula, E. B. L.; Silveira, T. A.; Silva, M. C. B. C. (2018). Conhecimento etnoecológico na pesca artesanal do camarão marinho (penaeidae): sinergia dos saberes. *Ethnoscintia*, Vol. 3, p. 01-18. 10.22276/ethnoscintia.v3i0.191

O'Bryhim, J. R. et al. (2016), Evaluating support for shark conservation among artisanal fishing communities in Costa Rica, *Marine Policy*, Vol. 71, pp. 1-9. 10.1016/j.marpol.2016.05.005

Pantoja, W. M. F. et al. (2021), Perception of impacts on artisanal fishing: paths for the management of fishing resources in Amapá, Brazil, *Ethnoscintia*, Vol.6 No.1, pp. 135-162. 10.22276/ethnoscintia.v6i1.355

Ramalho, C. W. N. (2008). A formação histórica da pesca artesanal: origens de uma cultura do trabalho apoiada no sentimento de arte e de liberdade. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, Vol. 24 No. 02, p. 261-285.

Rousseau, Y., et al. (2019). Defining global artisanal fisheries. *Marine Policy*, 108, pp. 01-08. 10.1016/j.marpol.2019.103634

Said, A., Tzanopoulos, J., & MacMillan, D. (2016), Bluefin tuna fishery policy in Malta: The pligh tof artisanal fishermen caught in the capitalist net. *Marine Policy*, Vol. 73, pp. 27-34. 10.1016/j.marpol.2016.07.025

Santos, K. P. P., Soares, R. R., & Barros, F. M. Fishing activity and construction of craft in colony of fisherman Z-18 in União/PI, Brazil. *Holos*, Ano 31 Vol. 6, pp. 90-106. 10.15628/holos.2015.3205

Silva, A. P. (2014). Pesca artesanal brasileira: aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos. *Boletim de pesquisa e Desenvolvimento*. Embrapa Pesca e Aquicultura, Palmas – TO.

Smith, H., & Basurto, X. (2019), Defining Small-Scale Fisheries and Examining the role of Science in Shaping Perceptions of Who and What Counts: a systematic review. *Frontiers in Marine Science*, Vol. 6, p. 01-19. 10.3389/fmars.2019.00236

Tavares Filho, F. et al. (2020), Os efeitos do avanço urbano/industrial na Baía de Guanabara na percepção de pescadores artesanais. *Ambiente e Sociedade*, Vol. 23 No. 1, pp. 1-22. 10.1590/1809-4422asoc20180301r1vu202011ao

Torres-Guevara, L. E., Lopez, M. C., & Schlüter, A. (2016), Understanding Artisanal Fishers' Behaviors: The Case of Ciénaga Grande de Santa Marta, Colombia. *Sustainability*, 8, 549, pp. 1-17. 10.3390/su8060549

Trimble, M.; Johnson, D. (2013), Artisanal fishing as an undesirable way of life? The implications for governance of fishers' wellbeing aspirations in coastal Uruguay and southeastern Brazil. *Marine Policy*, 37, p. 37-44. 10.1016/j.marpol.2012.04.002